

OS SATELITES E O REGIME

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Não dá provas de fino qu/late intelectual quem conclui que é bom o regime soviético por causa dos satélites que a Rússia produziu. Ainda que esse feito provasse um adiantamento geral da técnica e da ciência, não bastaria para provar a bondade do regime, porque a bondade de um regime social se mede em termos de humana felicidade e não em termos de conquistas científicas ou técnicas. É por isso, por causa dessa fundamental distinção, por causa dessa elementar verdade, que existe o próprio marxismo. Sim, o próprio marxismo, que começou pelo libelo contra a estrutura econômica da sociedade liberal. Ora, ninguém fará à Karl Marx a injustiça de supor que ele ignorava os prodigiosos progressos científicos e técnicos realizados dentro da mesma odiosa sociedade liberal capitalista. Nós mesmos, que há anos combatemos o remanescente da estrutura capitalista, muitas vezes tivemos de responder aos seus defensores usando o mesmo argumento que hoje endereçamos aos adoradores de satélites. Aos mais renitentes defensores da economia liberal dissemos que não se pode atribuir ao regime capitalista os méritos de todas as obras realizadas pelo gênio humano na sua vigência. A rigor, poderíamos dizer, embora sem provas, que maiores seriam os resultados se o regime tivesse sido mais humano. Mas nem tanto diremos. Permanecendo no domínio dos fatos, e reconhecendo que foi nesse período histórico que a humanidade realizou um prodigioso acréscimo no domínio das ciências e das técnicas, nem por isso concluiremos que foi boa a fórmula política e social da época capitalista e imperialista.

Uma das coisas que consideramos chocantes é justamente a desproporção que existe entre o progresso científico e técnico e a marcha do mundo no que concerne aos problemas propriamente humanos. E ainda que admitíssemos um nexo de causalidade entre o regime e os resultados culturais, nem assim concluiríamos que foi bom aquele regime. Tal progresso teria sido um crescimento desarmonioso, um desenvolvimento de aleijão, uma evolução de monstro. E nesse caso gostaríamos que o mundo diminuísse um pouco seu progresso mecânico em favor de uma ponderação mais cuidadosa dos valores humanos.

Esperamos que o leitor reconheça ao menos a coerência de nossos critérios. E compreenda que é com os mesmos postulados fundamentais que respondemos ao erro comum do capitalista e do eufórico satelitista de hoje. Não. Decididamente, não é um determinado feito técnico que nos há de provar que é bom um regime político. Não só de satélites vive o homem.

No caso russo, há mais um fenômeno publicitário do que um grande feito. Entre as muitas coisas admiráveis que a ciência contemporânea tem produzido, nenhuma se prestava melhor à publicidade. E é pela força do irracionalismo produzido pelas técnicas de propaganda, pelo efeito mágico do sucesso, que os satélites russos estão produzindo no mundo inteiro uma enorme comoção da opinião pública. Porque a verdade, não nos iludamos, é que os russos conseguiram uma enorme vitória psicológica. Pode não ser muito inteligente pensar que um satélite prova a bondade do regime, mas a verdade é que por toda a parte encontramos pessoas inclinadas a tal conclusão. O mundo ocidental ainda capitalista está sendo vítima do próprio veneno que produziu. O culto do sucesso e do prestígio se volta contra os próprios adoradores. A máquina da propaganda ameaça destruir seus próprios autores.

É particularmente ridícula a comoção produzida pelo satélite na opinião pública americana. Estão de cabeça inchada. Apesar de terem vencido o campeonato de basquete, não se consolam de ter perdido o campeonato de satélites. Qualquer pessoa de média sensatez, se parar um instante para pensar, saberá descobrir que uma técnica não prova a superioridade geral em todas as técnicas, que são muitas e várias, saberá também que o fato de ter sido o

primeiro não prova coisa nenhuma, a não ser o furo. Mas de tal modo o mundo está impregnado do culto do furo, do sucesso, da disputa do primeiro lugar, que não adianta raciocinar ou ponderar. O efeito mágico da propaganda domina a razão. Substitui o raciocínio.

O fato de ter sido russa a primeira realização técnica desse tipo não prova sequer que essa mesma técnica esteja na Rússia mais desenvolvida do que nos outros países. Prova apenas que a concentração de esforços, de verbas, de favores públicos, tornou possível a antecipação cronológica do feito. E nisto é verdade que os países totalitários e mal governados levam certa vantagem sobre as tolhidas democracias. Nesses países é mais fácil concentrar verbas em detrimento de outros serviços, como aqui se faz com Brasília. E com essa concentração produz-se um efeito publicitário e registra-se um recorde. Mas a verdadeira ciência e o verdadeiro progresso técnico nada tem a ver com as dianteiras esportivas. Nós mesmos já tivemos uma glória desse tipo, verdadeira na sua ordem, mas melancólica na sua continuação. Foi um brasileiro o primeiro a voar. Nem por isso, como vimos, foi no Brasil que se desenvolveu a técnica da aviação. E muito menos se pode dizer que o feito de Santos Dumont provava a superioridade da ciência brasileira sobre a européia.

Há mil técnicas no mundo. Há um milhão. Quem quiser sentir a vertigem que dá a variedade dos esforços humanos poderá folhear uma dúzia de revistas especializadas que se publicam no mundo inteiro. E verá que a astronáutica, apesar de vistoso, é um pequeno capítulo do imenso patrimônio do mundo moderno. Que a técnica dos foguetes é um jota de um imenso alfabeto. Verá que não foi na Rússia soviética que se inventou o Radar, que apareceu o transistor, que surgiu o primeiro aparelho de televisão, que se montou o primeiro computador eletrônico. Querem dizer que eles são campeões em foguetes como são campeões de xadrez? Que digam, e daí? Não tenho a menor relutância em imaginar que os centros da cultura possam se deslocar com o tempo, como já se viu algumas vezes na história. Não me custa também imaginar que o povo russo seja capaz dos maiores prodígios, ou que venha a ser chinesa a maior soma cultural dos próximos séculos. Só digo que é cedo para ver num Sputnik, ou em dois Sputniks, um sinal ofuscante da superioridade da ciência russa. É cedo para esquecer que ainda estão vivos muitos dos grandes criadores da física moderna, sem a qual a técnica russa não teria o que tem. E cumpre aqui estabelecer uma distinção importante entre valor cultural e realização técnica. Nem sempre uma grande realização técnica prova o valor cultural de um povo. Pode provar simplesmente a capacidade orçamentária. Uma grande realização técnica é mais um feito econômico do que científico. O maior telescópio do mundo está nos Estados Unidos por força da riqueza desse país e não por causa de seu adiantamento na Astronomia. Antes de possuírem os melhores astrônomos, os americanos possuíram o melhor telescópio. Com a continuação, pode acontecer que o maior e mais rico observatório do mundo produza, ou atraia os maiores astrônomos; mas seria sumamente ridículo se os americanos, no dia da inauguração de Mount Wilson, anunciassem ao mundo que estavam na vanguarda da astronomia. Qualquer frances teria razão de retrucar: "É cedo para fazer essa declaração..." Uma grande realização técnica nem sempre envolve um novo e fecundo princípio científico. Quase sempre é simples extrapolação de um estado cultural anterior. Outra coisa é o dado científico novo e fecundo, que não se presta à publicidade, que tem, digamos assim, uma intrínseca castidade. Não houve manchetes nos jornais quando Plank publicou em 1900 seu estudo sobre a energia do corpo negro, de onde nasceu a física quântica, sem a qual não estaria a moderna ciência no ponto em que está. Muito menos se falou, nos cafés e nas

salas de visitas das equações de Maxwell. Faltam-me dados sobre a técnica dos satélites artificiais, mas não me espantaria muito quem me dissesse que as pesquisas de nosso Cesar Lattes têm maior valor científico do que toda a portentosa maquinaria de enviar no espaço aeronaves com cachorros.

Aliás, por falar em ciência, cumpre notar que ainda é maior e mais variado o seu campo, e que não se vê, no que vem da Rússia nenhum sinal particularmente destacado de um progresso geral. Tirando a técnica espetacular que dá poder e prestígio, o que se vê é pouco. E até é desolador. Sobre tudo no que concerne às ciências que se aproximam do homem. Há poucos anos o mundo assistiu ao deprimente espetáculo da inquisição soviética a propósito da genética. O Estado Soviético não deixa aos pesquisadores a essencial liberdade, a não ser para produzir engenhos que nada tenham com o homem. Em Psicologia também existe a mesma religiosa intolerância. Freud não pode ser estudado. A psicanálise não pode ser praticada. E nada que se afaste do mecanicismo pavloviano pode ser ensinado na grande Rússia. Em compensação podem os técnicos se aprimorar em foguetes.

Mas, torno a dizer, não devemos subestimar o efeito produzido pelos satélites. O mundo é assim feito, e não será a nossa pobre pena que conseguirá desmanchar o sorriso feliz dos neo-converlidos. Dizem que os arabes já se inclinam a procurar apoio nos russos, levados pelo prestígio do satélite. É possível. Não há nenhuma razão de supor que os arabes em geral sejam muito mais inteligentes do que o estudante de engenharia que ontem se converteu ao marxismo. Forçoso é reconhecer que estamos por baixo. E que os entusiastas da ordem russa tem motivos de sobra para andarem rindo. Riam-se pois, e nem me sobra o conforto de dizer que rirá melhor quem rir no fim, a não ser que coloque esta frase numa pauta escatológica.